

A dança de vida e de morte de Nina

Marcia Vasconcelos¹

Resumo: Neste trabalho, pretendo apresentar minha experiência no atendimento a uma paciente com transtorno narcísico-identitário, importante dificuldade representacional e movimentos transferenciais muito peculiares e paradoxais. Em nosso contato (e não conato), acompanhado de grande turbulência emocional e frequente mutismo, sou levada a partilhar com ela alguns de meus devaneios durante a sessão de análise, não somente como forma de transpor meu isolamento, mas também como alternativa para oferecer-lhe matéria-prima para possíveis experiências emocionais e tentar construir uma comunicação viva entre nós, ajudando-a a transpor seu próprio isolamento emocional. Neste percurso, busco diálogo com vários autores, desde os pioneiros da psicanálise até nossos contemporâneos.

Palavras-chave: devaneio; mutismo; figurabilidade; enquadre; processos terciários; narcisismo.

Com este trabalho, pretendo compartilhar minha experiência no atendimento a uma paciente com transtorno narcísico-identitário. Devido às impossibilidades representacionais que ela me apresenta, e ainda à peculiaridade de seus movimentos transferenciais, a analisanda exige da analista uma técnica e objetivos diferenciados, para dar conta de suas demandas, como também um constante exame de suas reações contratransferenciais, que, muitas vezes, parecem ser seu único farol. Chamarei minha paciente, uma jovem de 30 anos, de Nina, em uma alusão à personagem do filme “O Cisne Negro” (Aronofsky, 2011/2010).

Desde as primeiras entrevistas, nosso contato é muito fragmentado, cheios de lacunas silenciosas de ambas as partes. Mas a paciente conseguiu sintetizar, de certa forma, a natureza de sua demanda, referindo-se ao envolvimento amoroso com um “homem louco”. Essa experiência parece ter desencadeado uma vivência aguda em seu estado habitual de angústia e depressão. Sua identificação com o homem louco, como um lado seu também louco, desvitalizado, suicida, revelou um estado de mente fragmentado, cindido, que lhe traz frequentemente uma experiência de estranhamento de si mesma, de vergonha narcísica e estados de angústia.

Em uma narrativa que se mostrou uma excepcionalidade em relação ao seu mutismo, minha paciente conta-me sobre o desafio da protagonista do filme “O Cisne

¹ Membro Associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

Sinceros agradecimentos ao colega José Nepomuceno por seu apoio, críticas e sugestões.

Negro” de viver um lado obscuro de si, e como tal experiência a havia levado a um êxtase louco e à morte. Chamou minha atenção, no filme, a relação simbiótica e fusional da protagonista Nina e sua mãe, uma mulher sem vida própria e invasiva, que buscava uma realização totalizante através da filha. No filme, o personagem do coreógrafo, um homem (um pai), é quem tenta resgatar Nina de seu estado de letargia e indiferenciação com a mãe. Através dele, Nina vive impulsos orais agressivos: a mordida; e libidinais: o beijo; a carícia; a masturbação. Nina, a personagem do filme, assim como minha paciente, não sabe se vive a própria vida ou uma ficção. No filme, fica clara a invasão de elementos do inconsciente materno na mente da filha, impedindo seu desenvolvimento emocional. O seu compartilhar dessa narrativa causou importante ressonância afetiva em mim.

Nina não evita o contato visual comigo. Ao contrário, parece buscá-lo quando está chegando ou saindo, cumprimentando-me amistosamente. Suas falas, no entanto, apresentam uma invariância curiosa: costuma fazer comunicações fortes e importantes, mas quando tento dar prosseguimento à conversa, segue-se um mutismo. Também são frequentes suas ausências, sejam por faltas nem mesmo mencionadas e/ou justificadas e suas frequentes viagens. Seus silêncios são a regra. Nunca menciona seus familiares - seus pais ou irmãos, nem outras pessoas de seu convívio. Certa vez, respondendo a uma pergunta minha, diz: *“Acho que ela (a mãe) não sabe 5% da minha vida!”*. Em outro momento, não podendo conter minha angústia, pergunto se ela se sente estimada pelos pais. Nina responde, após um longo intervalo de tempo, e com um fiapo de voz: *“Não sei falar sobre isso.”*

Ainda no início da análise, em que pensava na dificuldade de me aproximar dela, me ocorreu que ela parece ter uma vivência de vazio que me toca. Assim, meus esforços no sentido de fornecer imagens e ideias parecem tragados por um buraco negro. Senti que essa era a sua comunicação e falei-lhe a respeito. Acontece então uma de suas poucas associações:

Quando estava na faculdade, durante uma aula de testes projetivos, teve um que era umas folhinhas, cada uma com um traçado que deveria ser desenvolvido. Lembro-me de um em que, a partir de um ponto, fiz um quadrado todo preto, compacto, era o buraco negro. A professora informa depois que aquele é o próprio eu, a representação do eu, no teste.

Essa circunstância psíquica marca toda a análise de Nina e levou-me a buscar uma linguagem alternativa para lidar, ao menos parcialmente, com essa condição. Em seus longos silêncios, sou levada a devaneios, que às vezes compartilho com ela. Muitas vezes, involuntariamente, busco imagens, poemas, arte, para tentar aproximações. Nina parece incapaz de contato, de modo que minhas tentativas de aproximação são frequentemente esvaziadas por seus silêncios e reticências. Minhas falas são, na maioria das vezes,

solitárias. Ajo como quem pensa alto, sem esperar (e esperando) uma receptividade dela. Sinto que só posso contar, muito frequentemente, com as ressonâncias, em minha mente, das comunicações de Nina, uma vez que não me é dado perceber, explicitamente, na maioria das vezes, que destinos têm, em sua mente, minha presença e verbalizações. Notei que deveria falar com ela como quem fala a um comatoso, ou como quem fala sozinho, sem esperar que uma conversa formal vá acontecer.

Assim, procuro fazer o trabalho da *figurabilidade* do analista, tentando dar expressão a vivências primitivas não representadas, que faça vincular as emoções e os sentimentos, conforme Falcão (2008). Na maioria das vezes, porém, não consigo dar prosseguimento a uma conversa. Sinto nossa relação ao mesmo tempo densa e rarefeita. Um turbilhão, como diria Nina: *É no turbilhão que vou fazendo as coisas*. No turbilhão aparece o recurso de uma parte sua talvez cindida, que cuida de sua vida com providências de ordem concreta, mas que também, e principalmente, contém uma parte saudável de seu self, capaz de insight de sua própria demanda e de reconhecer uma possibilidade de contato afetivo.

Numa ocasião, estando minha paciente totalmente silenciosa, disse-lhe da minha dúvida em interromper seu silêncio, e do receio ser uma intrusa, atropelando esses seus momentos de recolhimento. Nina murmura: *“Á, ã”*. Digo: *Como alguém que esteja velejando e, se, de repente, o vento muda de direção, obriga o velejador a uma manobra brusca, ou então... a mudar de rumo...* Nina diz: *...supondo que eu tenha um rumo...* Digo-lhe então que, naquele dia, ela havia encontrado o rumo do nosso encontro.

Diante de seu movimento de aproximação e fuga, meu estado emocional frequentemente é de mobilização, curiosidade, ao mesmo tempo em que fico tocada com as dificuldades que percebo. Sinto-me arremessada a uma turbulência emocional (Bion, 1977/1987). Nina leva-me a compartilhar experiências arcaicas, um estado de emendamento e indiferenciação com algo sem forma e sem nome, que pare invadi-la e a mim também. Em seu contato (e não contato) comigo, deixa transparecer uma condição de primitivismo psíquico, onde a linguagem – as representações de palavras – são deficientes. Sinto que devo aprender a estar com ela *nas bordas do buraco negro*. Muitas vezes é preciso um grande e consciente esforço para me por mais presente e receptiva à sua companhia, pois é como se ela não me convocasse para nada. O quanto devo acolher e aceitar seu silêncio? Quando devo interrompê-lo, apresentar-lhe minha alteridade, mesmo que não muito explícita? Mesmo que não muito claramente, Nina demanda uma companhia que seja capaz de partilhar do seu sentimento de isolamento, mas que, ao mesmo tempo, esteja desejosa e disponível para um contato.

Assim, vou constatando que tem sido importante para ela essa experiência, como uma tentativa de reviver (e/ou quem sabe criar) algo ainda não sabido ou vivenciado por ela. Minha presença não lhe é indiferente e penso que temos uma aliança – frágil e

temida, mas que tem uma função significativa para ela. A identificação projetiva (Klein, 1935/1996) é, muitas vezes, a forma privilegiada e mais usual de comunicação de certos pacientes. Algumas vezes é a forma quase exclusiva. A mim, cumpre-me saber da possibilidade de escolha entre o recolhimento e o contato penoso na relação com Nina e, ao mesmo tempo, saber de minhas possibilidades de criar e manter uma comunicação, fazê-la vital. Evitando, assim, sentir-me controlada pelo seu silêncio, perversamente mobilizada para quebrá-lo, ao mesmo tempo em que, ao fornecer-lhe imagens e palavras, no intuito de ajudá-la a nomear seus estados emocionais, não descambe para uma situação autorreferenciada, descolada da efetiva condição da paciente.

Como o *setting* analítico, o enquadre guarda várias analogias com o processo de simbolização acontecido na primeira infância, nesses casos, a transferência das situações históricas de dependência fica sendo obstinadamente evitada pelo paciente. Esta transferência se dá, no entendimento de Roussillon (2014), mais para o enquadre do que para o próprio analista, fazendo o analisando reviver o fracasso de suas capacidades de simbolização, assim também ameaçando seus arranjos psíquicos. A expressão defesa paradoxal, criada em 1991 por este autor, parece-me que oferece uma aproximação de minha experiência com esta paciente. Quando em uma análise, temos como problemática central uma dificuldade do paciente em se definir em função do outro, ou das imagens e representações deste outro. Essa dificuldade parece permear toda a relação analítica, gerando um modo de transferência paradoxal por natureza. Aqui, temos de considerar não um trauma específico, mas uma história relacional que fora marcada por traumas sucessivos, cumulativos, que remetem à força da não inscrição da historicidade do vazio, e que confere à transferência seu aspecto estrutural, conforme Roussillon (2014).

Com o passar dos meses, Nina torna-se mais silenciosa ainda, mas, ao mesmo tempo, os conteúdos de sua fala me parecem gradativamente mais condensados, com forte carga afetiva, que se transformam em ricas associações em mim. Suas faltas também diminuem. Nesse contexto, ela me apresenta, em sessões seguidas, duas narrativas (telegráficas como sempre): a primeira delas, uma lembrança da visita que fez ao museu Anne Frank, em Amsterdã. Provocada por mim, narrou o diário da garota judia, que relata como ela e seus familiares ficaram um longo período de tempo escondidos e silenciosos em um cômodo minúsculo da casa, como um recurso extremo de sobrevivência. Não houve associações. O outro relato foi sobre um sonho com um cãozinho que insistia em brincar de morder sua mão, algo que lhe causava tremendo incômodo, pois, ao mesmo tempo em que parecia agradável, estava presente, sempre, um certo nível de risco de que o animalzinho a machucasse. Também desta vez não houve associações. Como muitas vezes acontece, sua fala me estimula muitas imagens e ideias. Decido então, apresentá-las – até certo ponto – a Nina, deixando um espaço de tempo entre minhas falas, como forma de estimular-lhe a imaginação e/ou alguma associação.

Lembro-me e lhe digo que eu tenho cães e que, provavelmente, essa lembrança fora um resto diurno relativo ao ambiente do consultório (que é contíguo à minha casa) e, mais especificamente, à nossa relação; que os cães são carnívoros etc. Como Nina continuava silenciosa, pergunto-lhe se essas minhas ideias lhe fazem sentido, e ela diz que acha que sim. Eu a provoco: “*E então?*” Ela diz: “*Emudeci*”.

A clareza do conteúdo latente deste sonho praticamente dispensa maiores explicitações. No entanto, cabe comentar uma hipótese sobre o desenvolvimento arcaico da paciente. Talvez possamos pensar sobre essa situação-limite que ela nos conta como o limiar da linguagem, “emudeci”, no limiar também do contato com o mundo, e com o outro. Afinal, é com a estimulação erótica materna, em sua interação e cuidados, que o bebê vai, aos poucos, se abrindo para o mundo. Winnicott (1963/1983) entende que uma experiência de aniquilamento, com suas agonias primitivas e ansiedades impensáveis, pode acontecer em estágios muito primitivos do desenvolvimento do infante, e que, na análise, se houver colaboração do analista, aquela experiência pode vir a ser buscada como real, e que isso corresponde à necessidade do lembrar, na análise dos neuróticos.

Para Joyce McDougal (1997/1995), a não introjeção dos cuidados maternos impede a criança de dormir, constituindo-se em um forte fator da insônia infantil. E, conseqüentemente, a não introjeção dos cuidados maternos impede que o sujeito exerça esse cuidado consigo mesmo e com seus objetos internos (subjativos) e, ainda, faz com que ele não seja capaz de confiar esse cuidado a quem quer que seja. Essa ideia está em linha com Figueiredo (2011), que propõe que o analista deve ter a função de fazer o paciente dormir, para poder sonhar e, assim, poder fazer o resgate da palavra nos “limiares da linguagem, na sua função mediacional entre o processo primário e o secundário, entre o pré-consciente e o consciente”, e, assim, construir uma “situação analisante” (Figueiredo, 2011, p. 147).

Green (1988) propõe que para esses pacientes faltam os processos terciários, que são aqueles que acontecem no pré-consciente, sendo capazes de reverberar tanto no inconsciente quanto no processo secundário das representações psíquicas. Assim, a “conversação analítica” deve ser capaz de transitar neste limiar, oferecendo elementos que possam fazer essa ponte. O que se busca, nesses casos, é criar uma área transicional Winnicott (1988), condição de possibilidade para a constituição do objeto analítico. Em primeiro lugar, no pré-consciente do analista, que se torna, então, capaz de transitar entre uma modulação narcísica e também sexual. Com Winnicott, penso que meus devaneios têm potencial para se tornar brinquedos-pensamentos, que disponibilizo à paciente para que se aproprie deles ou os encontre, e, quem sabe, use-os. Assim, vou me colocando também como um objeto possível, capaz de apresentar algum grau de reflexo da paciente para ela mesma.

Green (1988) entende que o narcisismo primário e o secundário são mediados pela sexualidade. No narcisismo primário, o Eu refluí para seu isolamento, como que buscando a vivência pré-natal. Neste estado, não existem representações, somente afetos. O analista ainda não pode ser sentido como uma pessoa, com uma vida própria, apenas como uma testemunha, uma imagem, um reflexo: “um estatuto menos da ordem de uma fantasia inconsciente do que de um fantasma como aparição, uma sombra do objeto.” (p.73). Na relação analítica há, então, um duplo movimento. O sujeito narcisista faz uma transferência narcísica, ou seja, ele pode ver o analista como seu duplo, não como um parceiro. Assim, o olhar do analista, sua palavra, pode tanto se traduzir em vivência da ordem do sonhar – através do narcisismo secundário, desenvolvido a partir do testemunho do analista, que é sexualizado, dirigido a um objeto amoroso e que tem representação; mas também está sempre presente a possibilidade de que a atividade psíquica se volte para dentro, em um convite a investimentos no Eu, e que leve o sujeito a buscar um estado de inatividade. “O analista, ausente do quadro, é o espectador, testemunha da cena. Mas de tanto se sentir cortado do mundo do sonho, poderia não lhe restar outra solução a não ser tornar-se o sono de seu sonhador.” Green (1988, p. 80).

A apatia aparente da paciente, diante dos esforços da analista em propor formas e matéria-prima para a construção de sentidos emocionais, provoca muitas vezes fortes angústias nesta, pondo em movimento seus devaneios, inclusive como forma de transpor seu próprio isolamento. Assim, entendo que, no seu devaneio, o analista apresenta ao paciente seu narcisismo secundário, seu pensamento onírico de vigília (Bion, 1991/1962), sua imaginação, como possibilidades de ligação entre partes cindidas do seu ego, em busca de dar aos pictogramas dos sonhos (da analista e da paciente) uma plasticidade, conectando-os a outras experiências emocionais, que fazem, então, pontes, tornando-se capazes de tecer, dinamicamente, significados emocionais, disponíveis ao ego, inclusive para emprestar sentidos progressivamente às várias nuances emocionais da vida intrapsíquica e relacional. (Barros & Barros, 2012).

Assim, entendo que, nesses casos, a criação do espaço transicional, na sala de análise, a criação da terceira área – a vivência psíquica que pode vir a dar uma experiência de existência real para o sujeito - passa pela sobrevivência psíquica do analista.

Outro sonho ainda:

Ao ouvir o cachorro latir, me lembrei de um sonho engraçado que tive esta semana... Sonhei que havia uma cobra, aquela cobra Naja, sabe? Aquela que fica de pé... Eu deveria pegar a cobra, mas tinha medo... Eu sabia que ela é perigosa, mas, na situação do sonho, eu deveria pegar, parece que não era perigoso....

Não houve associações espontâneas, nem estimuladas. Comento, então, minha impressão sobre a ambivalência do sonho: veneno/remédio-utilidade medicinal; medo/aspecto de realeza... Nina mergulha em seu silêncio e eu fico cheia de associações, mas silêncio. Comunico-lhe, após algum tempo, que me ocorre que a lembrança do sonho foi produzida pelo latir do cão, o que me faz lembrar o outro sonho com animais, o do cãozinho que queria brincar de morder. Acrescento que ela me parece contente ao me fazer essa comunicação. Nina concorda sucintamente. Digo-lhe que ela me parece contente de que estejamos conversando e que ela possa me contar sobre seus sonhos, por exemplo.

Certa vez lhe perguntei se ela se apresenta também assim tão silenciosa em todas as suas relações, e ela diz que não é tanto assim, lá fora. Diz: *“É que lá fora eu disfarço... Aqui eu posso ser doente”*. Em outro momento diz: *“Estive pensando em várias coisas que gostaria de dizer aqui. Mas agora só consigo me lembrar da minha lista do supermercado!”* Será essa sua atitude um movimento novo? Um ensaio, quem sabe, um teste de realidade junto à presença da analista? Talvez estivéssemos em um caminho para encontrar uma forma de ligação afetiva particular, meio errática, zigue zagueante.

Após quatro anos de trabalho, contou-me, em tom de desalento, que estava buscando um novo apartamento, maior. O motivo era que pretendia passar a viver com o namorado. Nina dizia-se em angústia e agitação, pois sabia *“que não vou poder mais ter as coisas do meu jeito”*. Explorando com ela essa nova e importante dinâmica, aparece desde a dificuldade em encontrar um imóvel que lhe agrada, até a perspectiva de dividir um mesmo espaço físico com o namorado. Essa comunicação da paciente coincidiu temporalmente com um pedido meu de um aumento um pouco diferenciado no preço das sessões, que até então era mantido em valores quase simbólicos. Ela aceitou com ressalvas.

Em relação à sua decisão de morar com o namorado, assinalei que algo havia mudado nela, pois sua dificuldade em gostar de alguém fora um tema recorrente. Sua reação foi faltar uma semana de análise. Na primeira falta, mandou uma mensagem por escrito, dizendo-se *sem voz*. Faltou também às outras duas sessões seguintes. Na primeira delas, mandou uma mensagem menor e, na outra, nenhuma.

Então, introduz um tema inédito: está pensando em interromper a análise. Mas acrescenta: *“Fico em dúvida, porque acho que agora vai ser um tempo difícil pra mim”*. Indagada, diz que é por causa do dinheiro. Refleti com ela sobre uma questão de economia dos afetos. Do quanto ela pode aguentar estar em parceria com o namorado e também comigo.

Sobre a dificuldade em achar um apartamento, penso que corresponde à sua necessidade de uma ampliação de espaço interno, na alma, no coração, ao mesmo

tempo em que teme tal crescimento. Comento isso com ela, que permanece em silêncio até o final da sessão. Ao sair, diz: “Quarta-feira eu venho!”.

Na sessão seguinte, diz: “*Eu tinha desistido de suspender. Pensei que talvez não seja só por causa do dinheiro... Parece que é mais complexo do que eu pensava.*” Silencia. Proponho que talvez uma função da análise seja ela poder observar como é que a analista lida com sua economia psíquica, afetiva. E que isso deve ter alguma utilidade para ela. Poder observar como a analista pode aguentar nossa relação, e como ela tem podido – ou não – suportá-la também.

Minhas associações me levaram à imagem de um bebê recém-nascido, que necessita de cuidados. Digo-lhe que esse bebê é sua nova condição psicológica, que ainda é pesada para ela levar sozinha. Penso que a questão do aumento do valor financeiro da análise pôs em jogo, de forma insuportável para Nina, a alteridade da analista, com tudo que isso implica: o risco da dependência, uma ameaça à idealização e à sua fantasia de onipotência.

Na noite que se seguiu a uma leitura do mito de Narciso (Brandão, 1997), sonhei que *ninava* um bebê, muito bonito. Era difícil segurá-lo nos braços, pois ele sempre tendia a escorregar e a cair no chão. Este sonho teve a dimensão de insight sobre como é cuidar de um bebê-paciente como um objeto de desejo. Ele não para no colo, está sempre a escorregar para o chão. É preciso segurá-lo com firmeza, porém sem prendê-lo. É necessário sentir-lhe os apelos, sem sucumbir a eles.

Mas Nina levou-me a construir, juntamente com ela, instrumentos moldados a partir de sua singularidade. Uma transformadora e, muitas vezes, perturbadora experiência. Um esforço recompensado, pois, com a análise de Nina, deparei-me com outras possibilidades do fazer analítico, buscando o diálogo com diversos pensadores. Entre outros, com Grunberger (1990), que encontrou em análises a ação de elementos que nunca se tornaram conscientes; com Bion (1991/1962), que entende que um dos principais objetivos de uma análise é ajudar o paciente a desenvolver sua capacidade para o pensamento onírico de vigília, com o qual ele possa metaforizar, por assim dizer, suas vivências emocionais ancoradas em elementos concretos. Com Luciane Falcão (2008), que propõe o termo *construção primeira em análise* – “ela não ‘descobre’ a história, mas a inventa, numa relação analista/paciente, num *setting*, num *trimming*.” (p. 76). Daí a importância do devaneio do analista como campo de comunicação. Uma *palavra* viva, que possa viabilizar a condução do delírio e da alucinação negativa ao enquadre/espço transicional com seu necessário estatuto de ilusão e, a partir deste, à transformação simbólica de suas vivências emocionais.

Uma conquista minha e de Nina, que resultou numa importante ampliação de nossas possibilidades de lidar não só com nossos limites pessoais, mas também com aqueles ligados ao uso de ferramentas analíticas.

Nina's dance of life and death

Abstract: In this work, I intend to present my experience in “treating” a patient with “narcissistic identity disorder”, relevant “representative difficulty” and very paradoxical and particular “transfer movements”. In our contact (and non-contact), which was accompanied by great emotional turbulence and frequent mutism, I am taken to share with her some of my daydreams during the session, not only as a way to overcome my isolation, but also as an alternative to offer her raw material for possible emotional experiences. This would perhaps build a living communication between us and help her to overcome her own emotional isolation. In this way, I seek dialogue with various authors, from the pioneers of psychoanalysis to our contemporaries.

Keywords: daydream; mutism; figurability; framework; tertiary processes; narcissism.

Danza de vida y muerte de Nina

Resumen: En este trabajo, me propongo presentar mi experiencia en el “tratamiento” a una paciente con “trastorno narcisista de identidad”, con una importante “dificultad de representación”, y “movimientos de transferencia” muy peculiares y paradójicos. En nuestro contacto (y en nuestro “no contacto”), acompañado de gran agitación emocional y mutismo frecuente, comparto con ella algunos de mis devaneos durante la sesión de análisis, no sólo como una forma de superar mi aislamiento, sino como una alternativa a ofrecer la materia prima para posibles experiencias emocionales y tratar de construir una comunicación viva entre nosotras, ayudándola a superar su propio aislamiento emocional. De esta manera, busco el diálogo con diversos autores, desde los pioneros de la psicoanálisis a nuestros contemporáneos.

Palabras clave: devaneos; mutismo; figurabilidad; marco; procesos terciarios; narcisismo.

Referências

- Aronofsky, D. (Dir.) (2011). *O Cisne Negro*. Estados Unidos. (Filme, estreia em 2010).
- Barros, E.M. da R., Barros, E. L. da R. (2012). Reflexões sobre as implicações clínicas do simbolismo. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 46(1), 135 - 149.
- Bion, W. (1987). Turbulência Emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21(1), 121-141. (Trabalho original publicado em 1977).
- Bion, W. (1991). *O aprender com a experiência*. (P.D.Corrêa, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Brandão, J. (1997). *Mitologia Grega*. (Vol. 2, 8ª ed.). Petrópolis,RJ: Vozes.
- Falcão, L. (2008). Construções em análise hoje: a concepção freudiana ainda é válida? *Revista Brasileira de Psicanálise*. 42(3), 69-81.
- Figueiredo, L.C. (2011). A situação analisante e a variedade da clínica contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 45(1), 137-149.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo In Freud, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P C Souza, Trad., Vol.12) São Paulo:Companhia das Letras. (Trabalho originariamente publicado em 1914).
- Green, A (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. (C Berliner, Trad.) São Paulo: Escuta.
- Grunberger, B. (1990). Narcissism Psychoanalytic Essays. (J. S. Diamanti, Trad.) Madison, Connecticut. International Universities Press, INC, página 35. (Trabalho originalmente publicado em 1957).
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos depressivos. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1935).
- Mcdougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. (P H B Rondon, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho publicado originariamente em 1995).
- Roussillon, R. A. (2006). Linguagem do Enquadre e a Transferência sobre o Enquadre. *Colóquio SPP – 80º aniversário* (Mutualité – Paris). Recuperado em 20 de setembro de 2012 de www.joseouteiral.com.br.
- Roussillon, R. (2014) O trauma narcísico-identitário e sua transferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 48(3),187-195.
- Winnicott, D. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1963).
- Winnicott, D. (1988). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do *setting* psicanalítico. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Tradução de Jane Russo. página 459 Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1954-5).
- Winnicott, D (1988). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In D. Winnicott, *Da Pediatria à Psicanálise*. (J Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. (Trabalho publicado originalmente em 1951).
- Winnicott, C; Shepherd, R; Davis, M. (Org.) (1994). *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1989).

Marcia Anunciação Costa Vasconcelos
SHIN QI 01, Conj. 01, Casa 19, Lago Norte
71.505-010 – Brasília – DF
marcia.vascon@uol.com